

DF - Cidade
ESTRUTURAL 4

Invasão ganha 700 barracos, igrejas, lojas e fábricas

Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

Homens e mulheres caminham pelas ruas carregando ferramentas, o trânsito de carroças transportando materiais de construção é intenso. O comércio vende freneticamente. A Cidade Estrutural tem cerca de 700 novos barracos, construídos há menos de uma semana. Até segunda-feira, deverão ser 2 mil novas famílias. Ao lado dos casebres de madeirite, é fácil encontrar carros ano 97 estacionados.

Em meio ao imenso canteiro de obras, Raimundo Nonato Portela, 45 anos, montou uma loja ao ar livre. É quase meio-dia, a poeira não deixa enxergar direito, levantada pelo vento forte. Chegam pessoas com celular pendurado na cintura, dirigindo D-20, Kombis, de bicicleta ou a pé.

É muita gente. Sentado frente a uma escrivaninha escolar, à pouca sombra de uma árvore do cerrado, Raimundo dá o preço. "São R\$ 99. Pode ser pra 15 dias", diz ao comprador. A invasão começou a nascer há quase uma semana, no local desocupado em fevereiro do ano passado pelo Governo do Distrito Federal, depois de longas negociações.

Os barracos para marcar presença na invasão são feitos em poucas horas. Nonato faz a conta de um casebre de quatro metros quadrados. Cinco paus roliços, de eucalipto, que é madeira mais barata, custam R\$ 5. Sete telhas de amianto, R\$ 23,10; dois pacotes de pregos, R\$ 3; 21 metros de sarrafo, R\$ 10,50; e oito folhas de madeirite, R\$ 62,40. Sem piso, a estrutura, que será erguida em um terreno de 12 x 8 metros, custa R\$ 104.

Antônio Cardin vende coco gelado há uma semana na Estrutural. "Uns 50 a 60 por dia." Ele diz que não vende praticamente nada na parte mais antiga da invasão, mas entusiasma-se com a sede dos que trabalham nas obras novas.

GAMBIARRAS

Os lotes já estão medidos e as ruas demarcadas. Os moradores é quem vão abri-las, limpá-las. "Até segunda-feira, serão mais de 2 mil barracos", diz José Carlos de Oliveira, representante da Associação de Moradores da Estrutural. A entidade tem hoje 4 mil filiados - que colaboram mensalmente com R\$ 5.

"Isso aqui é uma casa de marimbondo", compara José Alves do Ouro. Como um vespeiro, os invasores se uniram na cidade emergente e estão dispostos a defendê-la. Não escondem que a disposição para confrontos.

Na parte mais velha da Estrutural ainda não tem água, nem luz, mas os moradores abastecem-se nos carros-pipa da Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb) e compram energia de gambiarras. Como Eliseu Fernandes Lima, que paga R\$ 20 mensais para ter apenas três lâmpadas elétricas. Um dos vizinhos descobriu o grande negócio, vende energia de um motor para dezenas de famílias, que podem usufruir de luz entre as 12h e meia-noite. Quando o motor funciona.

Nessa parte da cidade, o movimento de fretes não é de madeirite e telhas de amianto. Os moradores constroem casas de alvenaria. As ruas estão cheias de muros e portões de ferro. Há armazéns em todas as esquinas, com estoque de alimentos. A Estrutural tem de tudo. Uma placa informa que o dentista atende sábados e domingos. As lojas de material de construção estão por toda a parte. Já tem umas dez igrejas evangélicas, uma católica.

O **Correio** procurou o Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab) para saber sobre o futuro da invasão. Depois de uma reunião de gabinete, a resposta: ninguém tinha tempo para falar sobre o assunto.

COMÉRCIO DE ALMOÇO

9 JUL 1997